



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GEOGRAFIA

GABRIELY GUILHERME BEZERRA

**O ESPAÇO SAGRADO DE DONA ROMANA EM
NATIVIDADE, TOCANTINS**

PORTO NACIONAL /TO
2021

GABRIELY GUILHERME BEZERRA

**O ESPAÇO SAGRADO DE DONA ROMANA EM
NATIVIDADE, TOCANTINS**

O artigo foi avaliado(o) e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Licenciatura em Geografia para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Valdir Aquino Zitzke

PORTO NACIONAL/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B574e Bezerra, Gabriely Guilherme.

O espaço sagrado de dona romana em Natividade, Tocantins. / Gabriely Guilherme Bezerra. – Porto Nacional, TO, 2021.

21 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2021.

Orientador: Valdir Aquino Zitzke

1. Dona Romana. 2. Espaço Sagrado. 3. Território Sagrado. 4. Sítio Jacuba
.I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

GABRIELY GUILHERME BEZERRA

O ESPAÇO SAGRADO DE DONA ROMANA EM NATIVIDADE, TOCANTINS

O artigo foi avaliado(o) e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Geografia para obtenção do título de graduação e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 21 / 07 / 2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. (Marciléia Oliveira Bispo), UFT

Prof. Dr. (Rosane Balsan), UFT

Prof. Dr. (Valdir Aquino Zitzke), UFT

Porto Nacional, 2021

RESUMO

Este artigo aborda a vida de dona Romana Pereira da Silva e tem como objetivo geral descrever o lugar sagrado da Casa de Romana no território sagrado do sítio Jacuba, no município de Natividade, estado do Tocantins a partir de uma revisão bibliográfica geral sobre o tema em meio virtual e impresso e, a partir das visitas ao campo na disciplina de geografia cultural em novembro de 2017 ao sítio Jacuba, se deu a opção pelo tema e a observação direta do espaço, além dos registros fotográficos e das conversas com Romana. O sítio Jacuba comporta 30 casas de familiares e compõe-se da casa denominada Centro Bom Jesus de Nazaré, da área externa, onde estão as esculturas e o galpão de armazenamento de plantas, água, roupas, calçados e etc. Podemos concluir que o território do sítio Jacuba, repassado de significados, símbolos e imagens, constitui-se numa fração do espaço delimitado, resultado da apropriação e controle dos seus ocupantes e apresenta claras dimensões culturais, étnicas e religiosas, constituindo-se, pelas práticas e devoções que ali ocorrem num território sagrado.

Palavras-chaves: Dona Romana; Espaço Sagrado; Território Sagrado; Sítio Jacuba.

ABSTRACT

This article addresses the life of Ms. Romana Pereira da Silva and has as general objective to describe the sacred place of Romana's House in the sacred territory of the Jacuba site, in the county of Natividade, state of Tocantins, from a general bibliographical review on the theme in virtual and printed media and, from the field visits in the cultural geography discipline in November 2017 to the Jacuba site, has given the option for the theme and direct observation of the space, in addition to photographic records and conversations with Romana. The Jacuba site has 30 family homes and is made up of the house named Centro Bom Jesus de Nazaré, from the external area, where are located the sculptures and the storage shed for plants, water, clothes, shoes, etc. We can conclude that the territory of the Jacuba site, pervaded with meanings, symbols and images, constitutes a fraction of the delimited space, outcome of the appropriation and control of its occupants and presents clear cultural, ethnic and religious dimensions, constituting itself, by the practices and devotions that take place there in this sacred territory.

Key-words: Dona Romana; Sacred Space; Sacred Territory; Sítio Jacuba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa da cidade de Natividade.....	12
Figura 2. Croqui do Sítio Jacuba.....	14
Figura 3. Croqui da Casa de Dona Romana.....	15
Figura 4. Exemplo de esculturas.....	16

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DESENVOLVIMENTO.....	10
3	CONCLUSÃO.....	19
	REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

A religiosidade e sua territorialidade, bem como o lugar sagrado são os temas que permeiam essa pesquisa. O objetivo geral é descrever o lugar sagrado da Casa de Romana no território sagrado do sítio Jacuba, no município de Natividade, estado do Tocantins.

No Sítio Jacuba podem ser encontrados elementos de diferentes religiões¹, como ladainhas e benditos rezados em latim, cantos e transes², o que confere um hibridismo que está presente nas práticas religiosas e nas produções artísticas de dentro e de fora da Casa de Romana.

A opção pelo tema se justifica por ser uma manifestação religiosa, com características de hibridismo cultural (BURKE, 2003), e, de acordo com Homi K. Bhabha, o espaço entre o ver e o interpretar, denominado de interstício entre o significante e o significado, considerando o contexto sócio histórico e ideológico de quem analisa.

Os procedimentos metodológicos necessários para a realização desta pesquisa foram: uma revisão bibliográfica geral sobre o tema e também as publicações sobre a área de estudo disponíveis no meio virtual e impresso; visitas a campo na disciplina de geografia cultural em Novembro de 2017 ao sítio Jacuba, onde se deu a opção pelo tema, observação direta, registros fotográficos e conversas com Romana.

¹ Afro- religiões, catolicismo popular, esoterismo, kardecismo, umbanda.

² “O transe nas religiões afro-brasileiras é o ápice do rito , cujo o êxtase se desencadeia no ser humano na intimidade com as divindades – as entidades e orixás – havendo a incorporação.”(Nogueira, 2010)

2 DESENVOLVIMENTO

O Brasil possui um campo de estudos bastante prodigioso para o estudo das culturas, pois tem uma diversidade social e múltiplas opções de sua apreensão do real e que a religião se destaca na geografia cultural brasileira devido às pesquisas desenvolvidas por Zeni Rosendahl que se baseia na concepção de espaço sagrado de Mircea Eliade (CLAVAL, 2012).

A religião constitui-se em objeto de interesse de diversas disciplinas acadêmicas, como a História, a Sociologia, a Antropologia e a Geografia. Na primeira metade do século XX, a religião é investigada por Paul Fickeler (1999 [1947]); por Pierre Deffontaines (1948) e por Maximilien Sorre (1957).

No final de 1960, os estudos geográficos da religião eram fortemente inspirados pela geografia cultural da Escola de Berkeley, sendo David Sopher o geógrafo de maior expressão. Em *Geographie of Religions* (1967), Sopher analisa os fenômenos religiosos, abordando a interação espacial destes com uma dada cultura e seu ambiente terrestre complexo entre diferentes culturas.

Nas três últimas décadas, a religião vem atraindo significativa atenção da ciência geografia e, no desenvolvimento recente da perspectiva geográfica da religião, descobriu-se a contribuição de Mircea Eliade (1959, 1962, 1991), na qual o conceito de sagrado e profano é elaborado. Segundo Eliade, ambos constituem a essência da religião.

Em síntese, a religião, na perspectiva da geografia cultural, possui como foco central os conceitos de sagrado e profano, conceitos tornados fundamentais com Eliade (1962) e considerados numa abordagem geográfica por Tuan (1979) e Rosendahl (1996, 1997, 1999 e 2001).

Torna-se importante, nesta pesquisa, entender o fenômeno religioso e suas interações com o ser humano e o território a partir de dois focos de análise: o sagrado e o profano, sendo o primeiro profundamente marcado por signos e significados, e em territórios sagrados enquanto o segundo representa ausência de consagração, sendo assim um território profano, um território não religioso.

Geertz (1989, p. 143) afirma que “é certo que o sistema religioso é formado por um conjunto de símbolos sagrados ordenados entre si, numa ordem conhecida pelos seus adeptos”, e isso exige o reconhecimento da religião como um sistema de símbolos sagrados e seus valores.

Muitos estudos realizados na perspectiva humanística da geografia focam as relações que as pessoas criam com lugares sagrados e um exemplo disso são os estudos de Tuan (1979 e 1980), que mostram que uma ligação emocional é estabelecida e sustentada através da construção do lugar sagrado que está, necessariamente, ligada a um território definido. A posse desse território é seguida de um ritual que simboliza o ato da criação, sendo consagrado e reconhecido pela comunidade (TUAN, 1980).

Cada comunidade religiosa se conecta ao mundo sagrado onde compartilha da memória histórica no tempo e no espaço e mobiliza esforços para a manutenção do lugar sagrado e partilhando uma identidade comum e um sentimento de integração. Para Le Bossé (2004, p.24), “o território identitário religioso não é apenas ritual e simbólico: ele é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades”.

Reis(2008), em sua dissertação denominada de ““Dona Romana de Tocantins: uma fantástica iconografia”, que será utilizado para descrever a vida de dona romana, afirma que em 22 de fevereiro de 1941, a 4 km de Natividade (naquela época Goiás) Tocantins, localizado no sítio Jacuba, nasceu Romana Pereira da Silva, filha de Marcolino Pereira da Costa e Luiza Pereira da Costa, irmã mais velha de 18 irmãos. Seu primeiro casamento durou oito anos, seu segundo durou vinte e dois, teve doze partos, desses doze apenas seis sobreviveram lhe gerando vinte e quatro netos e quatro bisnetos.

Após seu primeiro casamento, que Reis (2008) afirma que foi violento, começou a sofrer com dores, era uma doença que não se achava a fonte, segundo Romana citada por Reis (2008), “um médico me disse que o meu problema não era de saúde”. Após isso, ela começou a ouvir vozes e ter visões e explicou:

“Esse caminho de missões eu acho que só quem sofre, quem é obrigado a seguir é que sabe. Eu comecei, eu fui casada, não deu certo, então me separei, vivi quase três anos sozinha, cuidando de quatro filhos, muito sofrido porque aqui era super atrasado... eu botava o feixe de lenha na cabeça aqui e ia vender lá na cidade, agora a cidade tá mais perto porque cresceu mais, mas daqui lá era 4 Km, carregava toda essa lenha na cabeça pra dar de comer aos filhos né? Vendendo lenha, lavando roupa pros outros, faxinando casa... fazendo tudo, tudo que eu dava conta eu fazia. Aí depois eu montei um cafezinho e aí, as coisas foram melhorando, num instantinho melhorou as coisas. Só que aí eu comecei ficar doente, né? Começou eu doente, doente, muito doente, era uma asma, era tanta doença que aparecia no meu corpo que eu tava doida sem saber. Eu tocava um cafezinho ia até muito bem. Aí comecei caminhar pra Porto. Porque nessa época, tinha o Dr. Osvaldo, nessa época tava no auge dele. Aí comecei caminhar pra lá. Eu fui umas duas vezes, umas três e ele falou assim – Olha Romana eu vou te falar uma coisa. Eu sou seu amigo, você sabe que eu sou amigo de todo mundo, mas vou te falar uma coisa – Você procura outra maneira de se tratar, em médico você não se trata. Aí eu perguntei a ele porque, se eu tava com uma doença ruim, o que era – não, simplesmente você procura outra maneira de se tratar. Então ele era espírita e eu nem sabia, eu nem sabia.” Romana apud Reis (2008).

Para Reis (2008) as primeiras vozes que romana escutou a orientavam a colher certos tipos de ervas e raízes, sem ter o conhecimento do que estava fazendo. Na década de 1970 ela começou a curar centenas de pessoas que iam à sua procura com chás, garrafadas e benzimentos. Desde o começo e até os dias de hoje, vem sofrendo preconceitos de parte de sua família, mas com complacência segue o que as vozes lhe pedem dizem e afirma que “nasceu para construir esse fundamento” (REIS, 2008).

Reis (2008) afirma que tudo começou no dia 24 de dezembro de 1972, quando Romana conseguiu um bom dinheiro vendendo produtos no seu pequeno comércio em frente ao colégio, após a festa de formatura dos alunos, com o qual pretendia comprar um lote e construir sua casa. Estava feliz e pensando no futuro quando lhe ocorreu uma visão onde “a terra estava se acabando e a água destruindo cidades, pessoas e animais”. Quando voltou a si, percebeu que estava em pé em cima de uma árvore e, ao olhar para o céu, viu duas luas novas grandes. Assustada, ela percebeu que aquilo não era um sonho. Pensou que, pelo seu comércio, de alguma forma, estaria tirando dinheiro das pessoas e que iria morrer e ir para o inferno. Ainda assustada, se levantou e fez uma oração ao Bom Jesus de Nazaré, seu santo de devoção por toda sua vida, e ela lhe pediu que se o comércio lhe desse prejuízo em sua alma, que ele tomasse o que lhe deu e que lhe proporcionasse outra forma de sobrevivência ou, caso o comércio fosse o seu meio de vida, que prosperasse. Desse dia em diante, o comércio diminuiu a ponto de fechar as portas e Romana chegou a pedir esmolas na cidade.(REIS, 2008)

Romana sofreu diversos acidentes em sua vida: teve seu maxilar, nariz e um pé quebrado pela fúria de seu primeiro marido por acidentalmente quebrar seu espelho de barbear. Seu queixo ficou torto e só voltou ao normal quando um dentista extraiu um dente. (REIS, 2008)

Quando morava no sítio Bizarria caiu de uma rede e sentiu uma grande dor e, no dia seguinte, continuou a trabalhar atendendo a várias pessoas. Alguns meses depois, ao realizar uma radiografia, o médico lhe disse que sua coluna tinha se quebrado e sido “sobreposta” e, estranhamente, “costurada”, afirmando que nunca tinha visto nada como aquilo. A esse fato, Romana afirma que sua coluna foi costurada por seus guias espirituais³.(REIS, 2008)

³ Guias são auxiliares que ajudam na evolução dos encarnados, que como consequência, ajudam na sua própria evolução.(BARBOSA JÚNIOR, 2014)

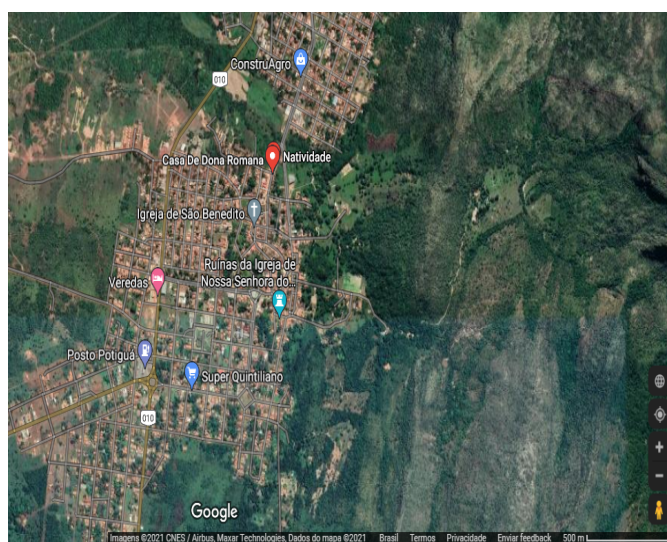
Em uma viagem de carona na carroceria de um caminhão entre Natividade e Brasília, após o tombamento do caminhão, ficou soterrada sob a carga e só foi encontrada quando pessoas ouviram sons semelhantes a miados de gato que, na verdade, eram seus gemidos. Nesta ocasião, estava grávida, mas nada aconteceu ao bebê.(REIS, 2008)

Em outro momento, caiu de 30 metros de altura de uma cachoeira, vindo a, quebrar a clavícula, as costelas de ambos os lados e seu antebraço: e um de seus guias espirituais, conhecido como o “Velho”, ordenou que ela colocasse ataduras no braço com ervas e ela se curou sem ajuda médica.(REIS, 2008)

Em 2006 precisou se submeter a uma intervenção cirúrgica, contou com a ajuda do governador do estado, na época, Marcelo Miranda, que lhe pagou um médico particular, pois apenas 5 % de suas veias estavam em funcionamento e foi necessário um cateterismo, quando o médico lhe informou que sua morte só não aconteceu devido a sua missão (REIS 2008).

Segundo Tesseroli e Oliveira (2020), Romana mora no Sítio Jacuba, localizado a cerca de quatro quilômetros de Natividade, TO, onde implantou o Centro Bom Jesus de Nazaré (Figura 1). Natividade é uma das cidades mais antigas do Tocantins, fundada no século XVIII e localizada a 218 km da capital. Foi conhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1987 como Patrimônio Histórico Nacional.

FIGURA 1: Mapa da cidade de Natividade com destaque a Casa de Dona Romana.



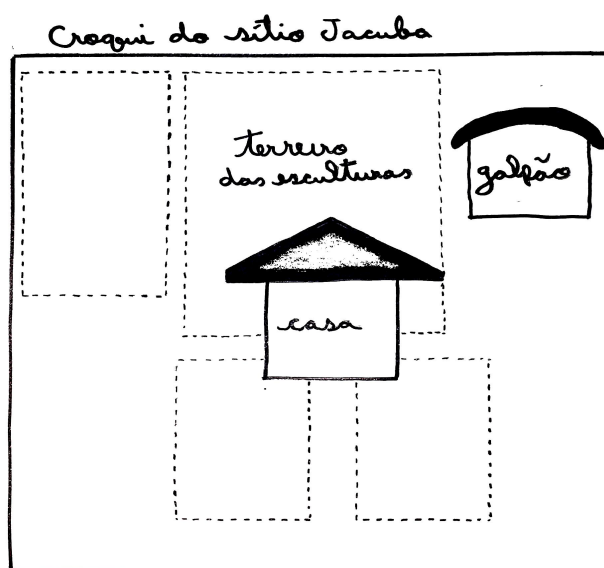
Fonte:Google Maps, 2021.

Para Reis(2008) Romana leva uma vida considerada dura e com diversas renúncias impostas pelos seus guias, ao que ela não reclama e está sempre de bom humor. Os moradores de Natividade a recebem com respeito e consideração quando ela caminha pelas ruas, porém não mantém contato com a comunidade católica local e evita ir à igreja para não gerar conflitos, porém algumas vezes, frequenta a Festa do Senhor do Bonfim Reis (2008). Essa mesma autora (2008, p. 38) afirma que:

“tudo no Sítio da Jacuba é concebido e elaborado lá mesmo, das esculturas às roupas que são usadas nos trabalhos mediúnicos. Durante os dezoito dias em que realizei minha pesquisa de campo, foram consumidos 8 sacos de cimento, utilizados para restauro e novas peças. E há o atendimento ao público, acender velas, benzer, fazer garrafadas, presidir o terço diariamente com voz forte, cortar e costurar roupas, administrar a casa e providenciar comida para no mínimo trinta pessoas diariamente, entre residentes, visitantes e parentes. Isso sem contar algumas noites de trabalho intenso fora do corpo físico, segundo conta, resolvendo diversos tipos de situações onde é solicitada a sua intervenção ou ajuda.”

O sítio Jacuba possui entre 10 mil metros quadrados e comporta 30 casas de familiares e amigos e foi um presente que os pais de Romana receberam de casamento de Sebastião de Araújo. Além da parte externa onde são construídas as esculturas, o sítio Jacuba (figura 2) abriga o Centro Bom Jesus de Nazaré e o galpão de armazenamento onde é guardado roupas, livros e etc (REIS 2008).

Figura 2: Croqui do Sítio Jacuba



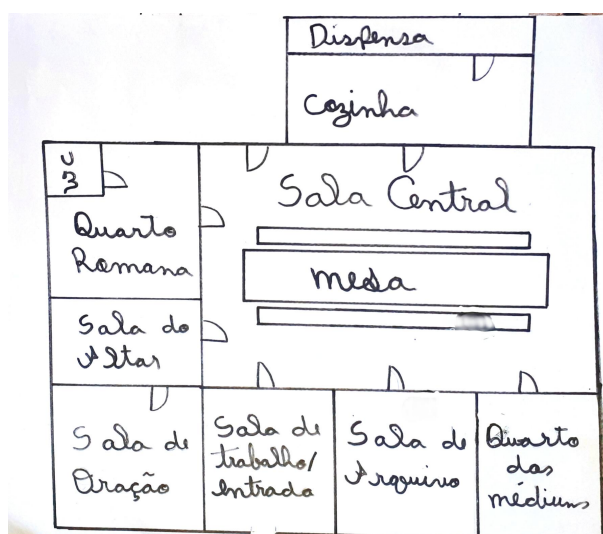
Fonte: Autora⁴, 2021

⁴ releitura do croqui de Reis 2008

Ao chegar ao local, o visitante recebe as instruções desde a entrada, que é feita pela esquerda e a saída pela direita, no sentido horário, em uma construção em pedra canga que pode lembrar aqueles elementos organizadores de fila em bancos e outras repartições que atendem ao público, e com uma espécie de coroa na entrada.

Logo à entrada, tem uma sala denominada Sala de Trabalho ou de Entrada, segundo Botelho (2019), que dá acesso a Sala Central, que possui uma grande mesa e onde, normalmente, as pessoas que as visitam se sentam para conversar com dona Romana que recebe a todos e todas com alegria e bom humor, muito solícita a explicar sobre as suas peças, desenhos e qualquer dúvida que surja. Dessa mesma Sala tem-se acesso à cozinha (dá na despensa), ao quarto de Romana, a Sala do Altar (que dá acesso a Sala de Oração), Sala de Arquivo e Quarto dos Médiuns, como pode ser verificado na Figura 3, a seguir:

Figura 3: Croqui da Casa de Dona Romana.



Fonte: Autora⁵, 2021

Ao sair pela porta dos fundos da casa em direção ao terreiro, o visitante passa por uma pequena espécie de corredor e, logo à direita, tem-se três casas e, mais à frente, o Galpão de Armazenamento, onde são guardados diversos tipos de objetos, como livros, sementes e etc

⁵ Baseado no Croqui de Reis 2008

que Romana julga ser importante após a “mudança do eixo da terra”, segundo seus guias lhe informaram.

Segundo Botelho (2019), esse galpão possui uma fechadura com chave que foi feita pelo pai de Romana como um presente. Quando o visitante adentra ao Galpão, verifica à direita um pequeno muro de pedras e um pequeno portal, sendo o acesso pela esquerda e saída à direita. No centro desse ambiente estão reunidos os diferentes objetos que são guardados e, que, segundo seus guias, serão importantes no futuro. Ali também se observa uma espada com inscrições que, segundo Romana, seus guias a instruíram a escrever, mas ela não sabe qual língua.

Ali no Galpão existem outras duas salas, onde Romana guarda sementes de diversos tipos de plantas, água, roupas, calçados, e outros objetos. Cada porta de acesso a estas salas possui inscrições que Romana também desconhece a língua.

Na área livre, ao fundo da Casa de Dona Romana, tem-se o terreiro que possui as esculturas construídas por Romana(figura 4) , cada uma com função e utilidade, definidas por seus guias.

Figura 4: Exemplo de esculturas.



Fonte: Autora(2021)

Segundo Reis (2008) a partir de 1989 que Romana começou a receber ordens através das vozes que ouvia, para se mudar do sítio Bizarria, onde morava, para o sítio Jacuba, onde mora atualmente e onde iniciou seus trabalhos “de peças”, como ela gosta de chamar suas construções feitas de pedras e cimento.

No sítio Jacuba, ela imaginou que faria horta, benzimentos e garrafadas que sempre fazia quando morava no sítio Bizarria. Num certo dia, quando estava limpando o terreno do sítio Jacuba com outras pessoas, as vozes lhe pediram para riscar no chão os desenhos que lhe pareciam riscos luminosos. Então lhe ocorreu outra visão: ela observou diversas pedras canga se movendo, flutuando e se posicionando sobre um destes riscos luminosos, lhe mostrando o que deveria ser feito (REIS 2008).

Romana então colocou algumas pedras cangas em determinadas marcações no chão, acendeu algumas velas e rezou, pedindo para não trabalhar com pedras, pois era penoso para quem já teve uma vida tão difícil. Foi dito a ela que não se opusesse, pois ela tinha nascido com a missão de fazer esse trabalho, que foi escrito há muito tempo sua missão (REIS, 2008).

Nos anos 1980, iniciou a construir suas peças em pedra canga e, em 1983, com os arames. Em entrevista a Tesserolli e Oliveira (2020), Romana contou que:

Isso começou em janeiro de 90. Então o mais duido, o mais duido, graças a Deus nessa época eu tinha mais força, já tava cansada de mexer com gente, mais ainda tinha mais força do que hoje. Então o mais duido foi os primeiros sete anos. Que foi de janeiro de 90 a janeiro de 97. Então foi os sete anos mais duídos, porque eu trabalhei que eu pensei que ia morrer di trabalhar. Porque as vezes chegava cinco seis peças por dia eu não tinha tempo pra nada, pra nada, era correndo assim garrada nas pedras. (OLIVEIRA, 2020 pg. 163).

Para Tesserolli e Oliveira (2020) os materiais usados pela artista são: pedra canga, cimento, arames, pedaços de espelho e vidro. Suas peças são feitas ao ar livre, são de diversos tamanhos, chegando a até 3 metros. As maiores são feitas para fins de rituais, sendo elas e seus desenhos realizados antes em cartolinas, que são guardadas com cuidado. Ela possui uma ligação com sua arte e relata, na mesma entrevista, que:

Muitas e muitas vezes chegou alguma energia, alguma peças dessas em tamanho descomunal, que a gente olhava assim, dava frio de olhar o tamanho e eu falava com elas, mas eu não posso eu não dou conta de te fazer, e ai ela responde, ela conversa com a gente. E ai elas falava eu sei Romana, mas você pode fazer eu pequenininha, que destar que na hora eu fico no tamanho que é prá ser, na hora que bater o levantar do grande eixo que a terra levantar elas todas ligar [...] Vão ligar, vão ficar eles falam para mim assim, que nem eu que fiz todas elas não vou conhecer é poucas que eu vou conhecer, porque ela vai ficar em tamanho gigantesca.

Segundo Tesserolli e Oliveira (2020, p. 4), “a obra de arte cria um mundo sincrético a partir da religiosidade popular presente na cidade, que tem forte influência católica”. Nesta pesquisa optou-se pelo termo hibridismo cultural para o entendimento e compreensão do universo de Romana, com elementos de diversas culturas e religiosidades: catolicismo

popular, esoterismo e com uma presença muito marcante, as afro-religiões. De acordo com Tesserolli e Oliveira (2020, p. 5),

“ao pé de todas as esculturas encontram-se garrafas com água. A água é elemento primordial em todas as oferendas que se faz às divindades africanas e afrobrasileiras, nenhum ritual ou oferenda se faz sem a presença desse elemento”.

Romana entende que suas práticas artísticas e religiosas são sua missão e obrigação nesta vida e afirma que todas as esculturas “tomarão vida” quando ocorrer a mudança do eixo da terra.

Nesta pesquisa interpreta-se o fenômeno religioso de Romana a partir de dois focos de análise, de acordo com Rosendahl (2003): o sagrado e o profano, onde o primeiro está marcado por signos e significados, e o segundo que apresenta o caos, que designa uma realidade não divina.

Os símbolos ali existentes na forma de esculturas, labirintos, altares e inscrições podem ser considerados como símbolos religiosos que expressam a revelação do sagrado, contendo muito mais simbolismos do que a sua aparência indica.

A fé tem um significado original para cada ser humano, uma relação direta entre a divindade e o crente e, no sítio Jacuba, a experiência religiosa é realizada de maneira coletiva, assumindo uma dimensão simbólica na qual se enraízam seus valores e propicia uma identidade religiosa. Os moradores e moradoras do lugar, vivendo de forma coletiva, acabam desenvolvendo um imaginário religioso e constroem novos significados e novas visões do mundo a partir das suas práticas religiosas.

Os estudos de Tuan (1979 e 1980) *apud* Rosendahl (2005) afirmam que a edificação e a manutenção do lugar sagrado criam uma ligação emocional, fato que pode ser percebido pelos visitantes e devotos nos espaços específicos da Casa de Romana, que se apresenta como um lugar sagrado associado a um território definido, o Sítio Jacuba. Este sítio, de propriedade de Romana, enquanto território, foi tornado sagrado através do ritual de implantação ou *fundamento* da primeira escultura no local e, posteriormente, consagrado, protegido e reconhecido pelos moradores e pela comunidade.

O Centro Bom Jesus, no sítio Jacuba, se estabelece no mundo sagrado onde participa da memória histórica no tempo e no espaço, onde a manutenção do lugar sagrado favorece a noção de que a comunidade partilha uma identidade comum, um sentimento de integração e

de comunidade religiosa. Neste caso, o território sagrado do sítio Jacuba não é apenas ritual e simbólico: ele é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades (Le Bossé, 2004 [1999]).

O território do sítio Jacuba, repassado de significados, símbolos e imagens, constitui-se numa fração do espaço delimitado, resultado da apropriação e controle dos seus ocupantes e apresenta claras dimensões culturais, étnicas e religiosas, constituindo-se, pelas práticas e devoções que ali ocorrem num território sagrado.

3 CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa, pode-se concluir que o espaço sagrado de Dona Romana pode ser analisado a partir de dois pontos de vista: primeiro, como um território sagrado que possui uma identidade religiosa, com rituais e símbolos, e espacialmente delimitado, um espaço privado. Que se tornou um território sagrado a partir da primeira implantação da escultura e logo após reconhecida pela comunidade que ali existente.

O sítio Jacuba como um território sagrado, também pode ser visto como uma comunidade religiosa, devido a comunidade que ali vive, firmando e criando suas próprias concepções religiosas, tendo Dona Romana como a "líder" religiosa.

Segundo, como um lugar sagrado, a partir dos significados e símbolos religiosos dispostos em seu território e, principalmente, pelos trabalhos espirituais realizados no Centro Bom Jesus de Nazaré, enquanto um lugar de acolhimento àqueles que ali buscam auxílio.

Neste espaço sagrado percebe-se um hibridismo religioso a partir de elementos constituintes de diferentes religiões, como as imagens e os cânticos católicos, os guias que orientam Dona Romana sobre a construção das esculturas e o mediunismo presente em suas práticas, oriundas de doutrinas de cunho espiritualistas, como o kardecismo, a umbanda e as religiões afro-brasileiras.

REFERÊNCIAS

BARBOSA JÚNIOR, A. **O livro essencial da Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014. 336p. ISBN 978-85-7930-744-7.

Botelho, N, L. **Territórios da memória: corpo, comunicação e performance em Romana em Natividade**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Universidade Federal do Tocantins. Palmas, 2019.

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003.

CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012.

DEFFONTAINES, P. **Geographie et religions**. Paris : Gallimard, 1948.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Lisboa: Livros do Brasil, 1959.

FICKELER, P. Questões fundamentais na Geografia da Religião. **Espaço e Cultura** n° 7,1999 [1947], pp. 7-36.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1989.

LE BOSSÉ, M. As questões de Identidade em Geografia Cultural - algumas concepções contemporâneas. In: Corrêa, R.L. e Rosendahl, Z (orgs). **Paisagem, textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, pp.157-180.

NOGUEIRA, Celeide Agapito Valadares. O Momento do Transe como “veri-ficação teológica” e transfestação da existência Liberdade da alma e do corpo. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife-PE, v. 1, n. 2, p. 13-33, nov. 2012. ISSN 2178-8162. Disponível em:<<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/131>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

REIS, D. R. **Dona Romana de Tocantins: uma fantástica iconografia**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

----- **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

----- O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, I.E., GOMES, P.C. e CORRÊA, R. L. (orgs). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1997, pp. 119-154.

----- Espaço, Política e Religião. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L.(orgs). **Religião**,

Identidade e Território. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp. 9-39.

----- . Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp.187-224.

SOPHER, D. **Geography of Religions**. Progress in Human Geography nº 5 (4). London, 1967, pp. 511-24.

SORRE, M. **Rencontres de la geographie et de la sociologie**. Paris: Marcel Rivière, 1957.

TESSEROLLI, M. A.; OLIVEIRA, L. R. C. B. Ancestralidade africana na Casa de Mãe Romana, Sitio Jacuba, Natividade, TO. **Revista de História de Araguaína**, Araguaína. V. 12, n.1, p. 161 -170. Maio, 2020. Issn 2238-7188. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/vol12n1>, acessado em 26.05.2021.

TUAN, Y. F. Sacred Space. Exploration of an Idea. In: K. BUTZER. **Dimension of Human Geography**. Chicago: Department of Geography / The University of Chicago. 1979, pp. 615-632.